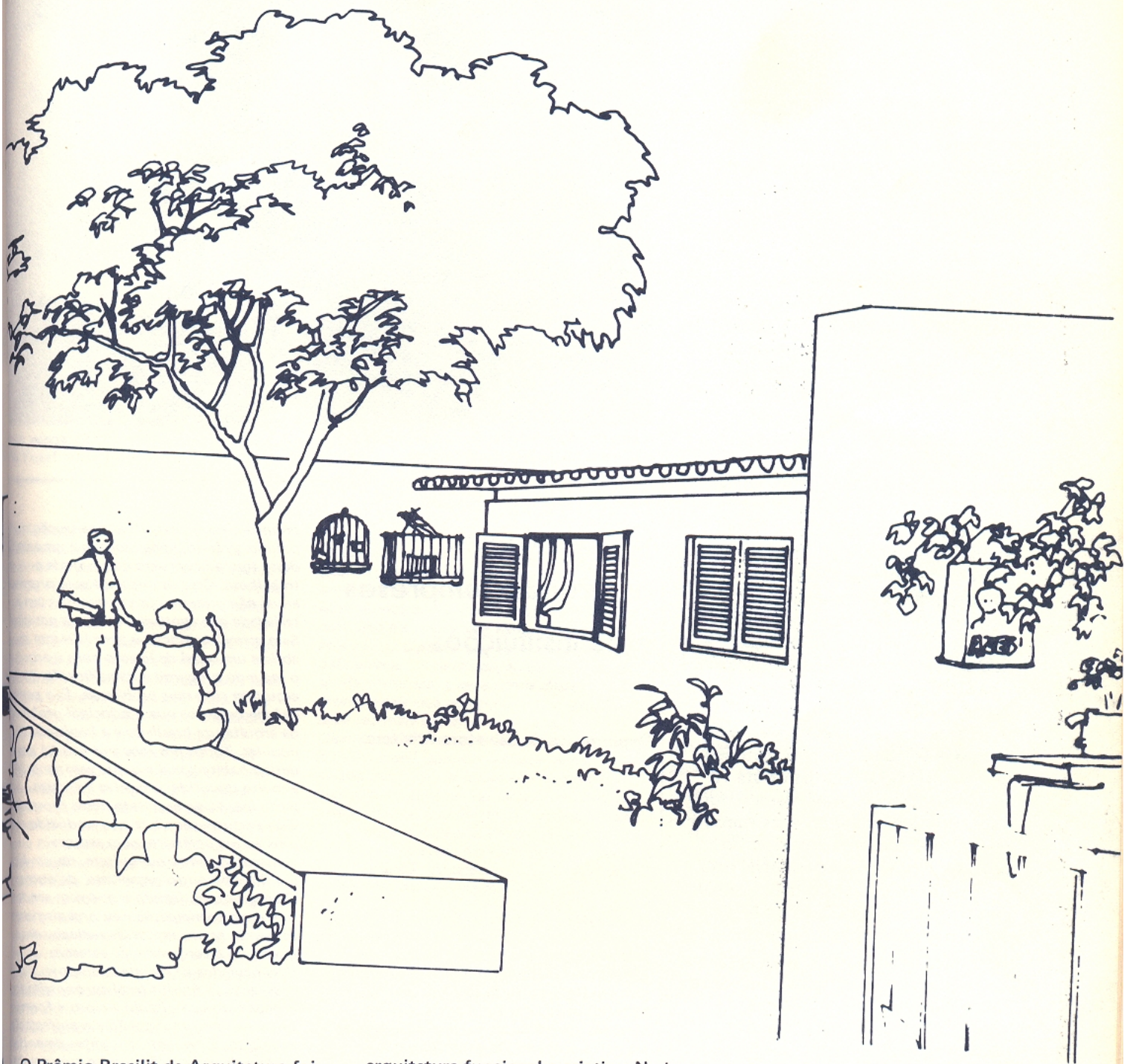


Habitação popular



um novo diálogo entre
os arquitetos e o BNH?



O Prêmio Brasilit de Arquitetura foi instituído em 1979 em convênio com o IAB e em caráter nacional. Salvatore Privitera, Gerente de Marketing da Brasilit, em depoimento a MÓDULO (vide box) acredita que ele forma um grande canal de ligação entre as indústrias da construção civil e os arquitetos de todo o país. Desde sua instituição, seus objetivos visam a buscar soluções para uma arquitetura preocupada com o homem, uma

arquitetura funcional e criativa. Nada mais justo, pois, que o tema escolhido para a premiação deste ano recaísse sobre o grave problema que aflige os brasileiros — a habitação popular. Além de oferecer uma oportunidade aos arquitetos de apresentarem aos vários órgãos governamentais voltados para a casa popular soluções mais humanas e mais modernas para que o nosso homem brasileiro possa habitar dignamente, a premiação proporciona

ainda, e sobretudo, a possibilidade de abertura e um diálogo há muito interrompido, entre os nossos arquitetos e todas essas entidades oficiais. O diálogo está aberto e os objetivos da premiação atingidos. No auditório do MASP, realizou-se o debate promovido pelo IAB, com o apoio da Brasilit reunindo os arquitetos Joca Serran, da DN-IAB, José Carlos Ribeiro de Almeida, Presidente do Sindicato de Arquitetos, SP, Alberto

Bott, Presidente da ASBEA, Anna Maria Affonso Ferreira, Presidente da COHAB-Bandeirante, Pedro Paulo Saraiva, Diretor de Delegacia em São Paulo do BNH, Décio Tozzi, vencedor do prêmio 1981 e, como mediador, César Lourenço Bergstrom, Presidente do IAB-SP. Cada um dos participantes da mesa defendeu seus pontos-de-vista sobre o tema Habitação Popular: qual o papel do Arquiteto? Joca Serran afirmou que o arquiteto tem estado ausente na grande maioria dos planos de habitação popular executados pelo BNH e que, salvo honrosas exceções, esses conjuntos habitacionais são verdadeiros agentes agressores nos espaços. José Carlos Ribeiro de Almeida registra que o art. XXV,1, da Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece que "todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação," e que os padrões mínimos estabelecidos pela ONU para projetos de casas populares são de 50 a 60 metros quadrados e que por isso o arquiteto não pode colaborar num projeto em que são utilizados padrões de até 18 metros quadrados. Anna Maria Affonso Ferreira enumerou as diversas etapas e dificuldades que deve enfrentar no processo de andamento no BNH para os projetos de conjuntos habitacionais e confirmou a necessidade do órgão em contar com a colaboração dos arquitetos na procura de soluções novas que possam ser executadas. Um convite foi, então, estendido a todos os arquitetos para um maior contato visando ao conhecimento das "regras do jogo" para um melhor entrosamento entre projetistas e executores. Décio Tozzi, falando sobre o projeto vencedor, afirmou que, se executado, o projeto constituirá um avanço em termos de construção popular dentro da realidade brasileira. Enfim, as discussões foram reiniciadas e novas oportunidades deverão surgir para que o diálogo prossiga e o problema possa ser resolvido de forma correta e digna.



A equipe vencedora sendo cumprimentada pela mesa na entrega da premiação

Os arquitetos, as grandes empresas e as instituições

Depoimento de Salvatore Privitera

A idéia de se promover o Prêmio Brasilit de Arquitetura surgiu a partir da necessidade de estabelecermos um canal de diálogo, de debate com o arquiteto. Claro que a Brasilit tem seu departamento técnico, seu departamento criativo, mas ela precisa, também, de feedback, saber o que ele quer do nosso produto. De antemão o que se visava era a moradia, grande problema do Brasil. Entretanto, o tema do nosso primeiro concurso, em 1979, foi muito amplo, muito aberto. Apesar das falhas causadas por inexperiência, esse concurso teve 300 inscritos, número que se pode considerar expressivo. Sabíamos, porém, que podíamos fazer mais. Podemos considerar, portanto, que o primeiro concurso proporcionou à Brasilit e ao IAB a experiência necessária para a organização de um concurso de maior seriedade, o que era o desejo de todos, já que a maioria dos concursos do gênero realizados no Brasil jamais passou de sua segunda edição. O sucesso do primeiro

permitiu, assim, a institucionalização do prêmio, prêmio bienal porque a preparação desse tipo de concurso é demorada e trabalhosa. Caso optássemos pela premiação anual não poderíamos conduzi-lo com a seriedade que agora caracteriza a premiação. Se o primeiro concurso permitiu que se abrisse um canal de ligação com o arquiteto, o segundo procurou a identificação do arquiteto com seus problemas. E, a partir daí, percebemos que o principal problema da arquitetura brasileira é a habitação popular. Todos nós sabemos que há um déficit habitacional e o que vem sendo feito é muito discutido, inclusive a escassa participação do arquiteto nesse processo. Essa participação só se tem traduzido sob uma forma polêmica, nem sempre construtiva, entre o arquiteto, de um lado, e o BNH ou outro organismo, de outro. O arquiteto criticando o que vem sendo feito sem a sua participação e os organismos acusando os arquitetos de radicais, de quererem fazer poesia, de estarem desvinculados da realidade do povo brasileiro. A Brasilit resolveu contribuir para acabar com esse círculo vicioso e formar um canal de comunicação e manifestação do arquiteto. É evidente que antes de entrarmos na fase de elaboração tivemos uma troca de idéias com o José Carlos Ribeiro de Almeida, nosso arquiteto-consultor, e a DN do IAB, com o Joca, o Britto, o Burmeister. Abro um parêntese para dizer que, na minha opinião, essa polaridade BNH e IAB poderia ser quebrada pela COHAB, que tem alguns interesses não conflitantes com os arquitetos. A COHAB — Bandeirantes, inclusive, tem um esquema social mais desenvolvido, preocupando-se não só com o aspecto da casa mas, ainda, com a implantação dessa casa na malha urbana. Se ela trabalha com padrões mínimos inferiores aos da ONU, a verdade é que, dentro das limitações atuais



Equipe vencedora do Prêmio Brasilit de Arquitetura 1981: Acácio Tozzi entre Hidely Codignoli e Anna Regina di Perna

Brasil, esses padrões ainda podem ser considerados dignos. Acontece que os parâmetros da política habitacional foram alterados, visando a criar um número muito grande de habitações com recursos cada vez mais limitados. A nossa idéia, portanto, que a COHAB — Bandeirantes realizasse conjuntamente um conjunto através do Prêmio Brasilit ficou prejudicada, pois essas mudanças, entre outras coisas, impunham padrões mínimos muito abaixo dos padrões estabelecidos para o nosso concurso. Tentamos, então, pela construção de um protótipo, no mesmo terreno da COHAB — Bandeirantes, o que demonstra ter essa instituição certa sensibilidade para abrir livremente o debate. E a forma final do concurso ficou sendo essa: ter um projeto vencedor, realizar um protótipo e, a partir desse protótipo, abrir o debate, avaliando custos e chamando as autoridades para que decidam que se pode construir moradia adequada para uma certa faixa de renda, em padrões mínimos humanos, e que isso não é inviável, bastando que se aproveitasse a capacidade criativa do arquiteto brasileiro. Sobre este arquiteto, dou meu testemunho pessoal: não sendo brasileiro, logo que cheguei ao Brasil senti uma certa diferença de nível cultural. A classe que encontrei nos maiores padrões de preparo, cultura, de abertura intelectual, foi a dos arquitetos. Isso me levou a acreditar nesse profissional, que é tão bom, ou melhor, do que qualquer outro arquiteto do exterior, conceito esse inclusive reconhecido na Europa, através de vários arquitetos brasileiros largamente conhecidos. Este concurso, na realidade, serviu como um teste esquemático da postura do arquiteto. Outros projetos de alto nível, que demonstravam pleno conhecimento do problema habitacional, e outros que demonstravam um total desconhecimento

de seus parâmetros, de sua realidade, apesar do ótimo nível arquitetônico. Isso se explica pela falta de participação do arquiteto no processo e, por isso, acreditamos que a grande importância desse concurso é quebrar essa realidade e sensibilizar o poder que comanda a política habitacional. A participação dos arquitetos sendo permitida, a capacidade desses profissionais será aprimorada e as soluções cada vez mais objetivas e corretas. Quanto à política habitacional desenvolvida hoje no Brasil, considero-a totalmente inadequada, com enfoque apenas para a casa e sem visar a implantação dessa casa na malha urbana. Isso desfigura a cidade, onera e provoca a inflação. A origem de tudo está na política do solo. Acredito que o correto seria a inserção de pequenos conjuntos, da forma mais natural, na malha urbana, ao contrário dos atuais macro-conjuntos que se localizam, obrigatoriamente, na periferia. O problema é que isso levaria a desapropriações, passando a constituir assunto da esfera político-social. A Brasilit é uma grande empresa e tem consciência de sua responsabilidade. Uma empresa tem um papel social a cumprir. E sua responsabilidade vai além da produção e colocação de seus produtos no mercado. Uma indústria ligada a um setor tem a obrigação de fazer com que surjam idéias, proposições, incentivos para este setor. Esta é a forma de se enfrentar o futuro, é a filosofia empresarial que deve prevalecer. Uma grande empresa não pode ficar alheia à realidade social na qual atua. Dentro dessa medida é que a Brasilit procura atuar, consciente de que, no nosso setor, o grande desafio a ser vencido é a questão da habitação popular. E, para isso, é fundamental a participação e o contato cada vez mais íntimo entre as instituições e os arquitetos.

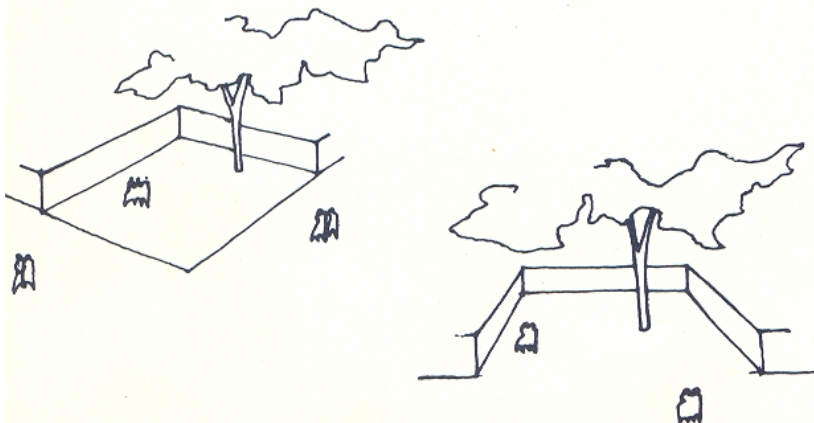
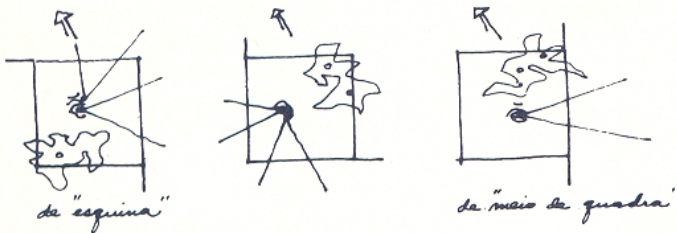
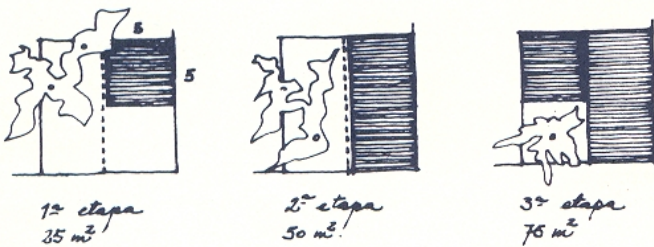
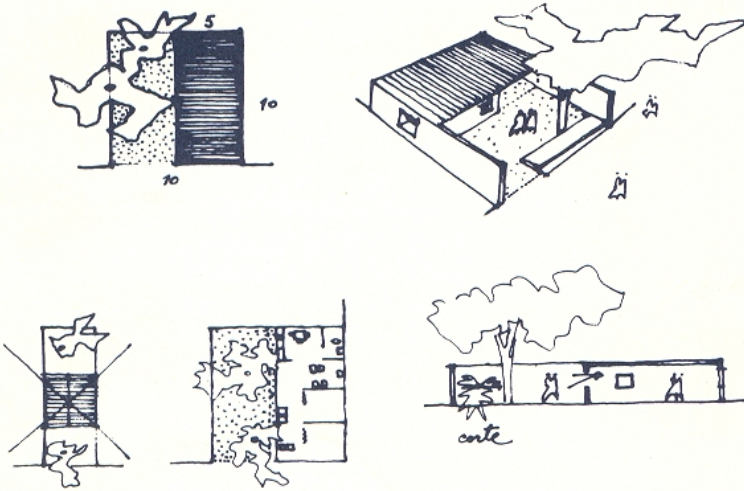
A equipe vencedora do Prêmio Brasilit de Arquitetura de 1981 foi integrada pelos arquitetos Décio Tozzi, Hidely Codignoli e Anna Regina di Perna, com um projeto de casas populares de construção modular que privilegia os espaços comunitários do conjunto habitacional e a qualidade de vida de seus ocupantes.

Em solenidade realizada em 11 de novembro de 1981, no Museu de Arte de São Paulo — MASP, a equipe recebeu uma placa de prata e 400 mil cruzeiros e além disso foi contratada pela Brasilit para orientar a construção de uma unidade-piloto do projeto, que será apresentada como alternativa para os organismos oficiais responsáveis pela construção de casas populares. O júri, designado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, constituído pelos arquitetos Acácio Gil Borsoi, Edgard Graeff e Ubyrajara Giglioli definiu como critérios básicos para a escolha do projeto vencedor a qualidade e riqueza ambiental do espaço urbano, lugares de encontro e convivência comunitária; a possibilidade de ampliação da área edificada, sem tumultuar a ordenação espacial do conjunto ou prejudicar a privacidade doméstica do entorno próximo e das áreas coletivas maiores; e, finalmente, a circulação no conjunto, visando a privilegiar sobretudo o pedestre. Foi também levada em conta a organização dos espaços interiores e a possibilidade de adaptação da unidade ao crescimento da família, a possibilidade de construção por etapas, além da simplicidade construtiva da unidade, com ênfase para a reposição. Na indicação do projeto de Tozzi, Hidely e Anna Regina para vencedor do Prêmio Brasilit de Arquitetura 1981, a comissão julgadora sugeriu que ele seja edificado em sua totalidade e não apenas uma unidade-piloto, pois representa excelente solução habitacional para a população de baixa renda.

Além do projeto vencedor, MÓDULO apresenta, em síntese, os outros 8 projetos finalistas, todos eles constituindo soluções com propostas de alto nível.

Projeto vencedor

Décio Tozzi
Hidely Codignoli
Anna Regina di Perna



O PLANO

No projeto que elaboramos para concorrer ao Prêmio Brasilit/81 procuramos rejeitar o caráter *utilitarista* com que são construídos, em nosso país, os conjuntos habitacionais destinados às populações menos favorecidas, que em nada diferem dos loteamentos imobiliários baseados unicamente no lote individual e no automóvel.

Procuramos uma solução que resolvesse adequadamente a *casa* e propusesse os espaços abertos e equipados, próprios ao *convívio coletivo*, recuperando assim, para esses conjuntos a escala de vizinhança indispensável e mais condizente com o caráter solidário do homem brasileiro.

Propusemos para o conjunto habitacional de Nova Odessa, uma urbanização de domínio exclusivo de pedestres em que, como nas vilas e aldeias da tradição brasileira, os pequenos largos, as "piazzetas" e vielas constituem prolongamentos naturais do espaço da casa.

Assim, o desenho define e organiza os espaços abertos para os diversos graus de convívio que a vida comunitária requer:

1. As áreas de acesso e estacionamento, sobreadas, de onde saem os caminhos que levam às casas, num percurso cheio de surpresas que a variedade de espaços propicia — ora vielas, ora "piazzetas" — desde o acesso até o campo aberto da área intersticial da gleba.
2. Os pequenos largos que, dotados de sombras frutíferas e mobiliário urbano simples, constituem estares singelos onde o encontro amigo se faz protegido e acolhedor.
3. O grande espaço central que, tratado como bosque e equipado adequadamente, significa o encontro maior, múltiplo — uma nova praça na cidade de Nova Odessa.

Essa área de 80x300m é balizada por 2 praças onde se localizam o centro comunitário, o grêmio, a creche, o vestiário e as indispensáveis "bircas" diretamente ligadas aos campos de futebol e parques infantis.

Definidos os espaços para o convívio urbano, o casario é organizado em função dos estares abertos que o plano propõe — cada conjunto de "piazzeta" e jardim é definido espacialmente por 32 unidades que compõem um *módulo urbano*. A sucessão de 6 módulos urbanos forma cada setor do conjunto.

A UNIDADE

Destinamos ao espaço de implantação da casa a área quadrada de 100 metros — 10x10m — pois que a outra parte se dilui e generosamente compõe os "estares" de vizinhança.

A casa, nesse módulo, de implantada com o cuidado de não dividi-lo em frente e fundos — jardim e quintal — consegue plena integração do pátio, que pode ser usado como horta e jardim, com seus cômodos.

O módulo, assim desenhado, permite em seu espaço, se necessário, a *construção em etapas* — fator importante que o homem em nosso meio deve contar para a construção de seu "habitat".

Por outro lado, recusamos a adoção de um único modelo, generalizado, para todas as casas, que certamente não atende às diferentes necessidades peculiares aos seus moradores.

Propusemos uma solução espacialmente variada enquanto o desenho urbanístico revela em si uma *tipologia* para as habitações e cada tipo de casa desenvolve, com clareza, suas eventuais etapas de construção.

Assim, o plano urbanístico contém 2 tipos de lotes — os de *esquina* e os de *meio de quadra* com orientações diversas e situações de implantação urbanística singulares, o que permite agenciamentos livres e diversificados dos tipos de casa nos módulos e propicia visuais para as ruas da cidade, para o casario, para as pracinhas e para os campos de esporte da área central, conforme a situação do módulo no plano.

Desenho urbano informa sempre a *variedade plástica* sugerida pelo conjunto diversificado das casas, nos módulos, organizada pela *unidade espacial* definida no plano.

MOLOGIA

Os parâmetros oferecidos pelo plano permitem a eleição de um amplo número de soluções arquitetônicas para a unidade residencial. Preferimos, porém, selecionar alguns modelos para a múltipla implantação nos módulos, definindo para o morador 2, no tipo 1, e para o morador 3, tipos de casas conforme sua situação no plano.

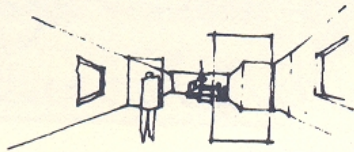
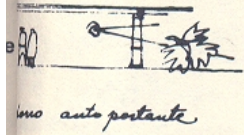
PROCESSO CONSTRUTIVO

Optamos para o desenho da unidade residencial critérios de extrema simplicidade construtiva visando o caráter singelo que o conjunto deverá assumir, expressando sua plasticidade pelo movimentado jogo de volumes e texturas, pela relação de cheios e vazios e pelo colorido das portas e janelas.

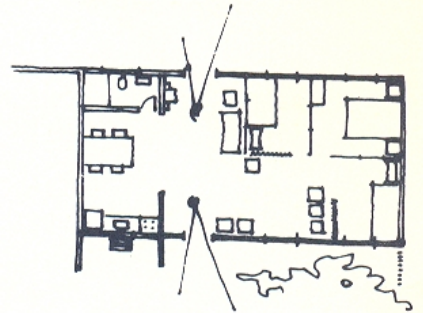
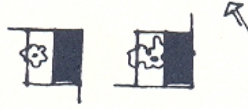
Adotamos, assim, uma solução de simples apoio com paredes de alvenaria comum ou de blocos e o conjunto telhado e forro independente o que permitirá a necessária flexibilidade ao espaço interno da casa.

As paredes internas com função apenas de vedação poderão ser de alvenaria simples ou de elementos planos pré-fabricados. O tratamento das paredes será a calagem branca e as portas e janelas do tipo padrão, veneziana e vidro — serão pintadas em cores vivas e brilhantes, complementando plasticamente o conjunto.

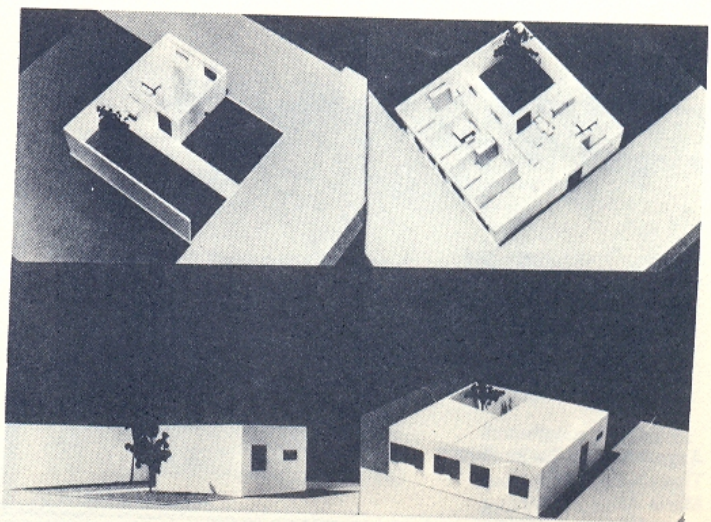
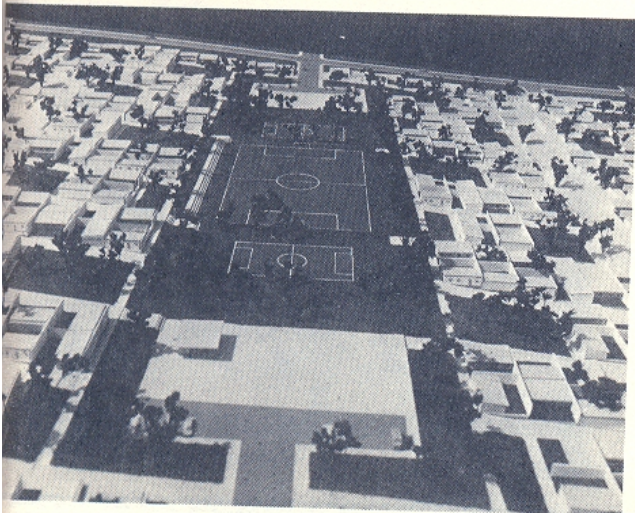
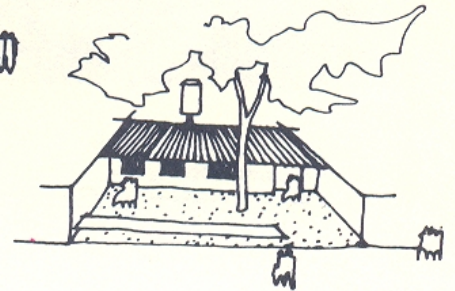
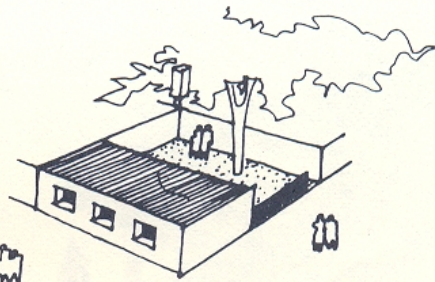
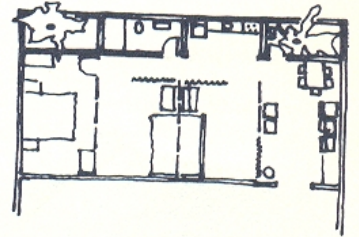
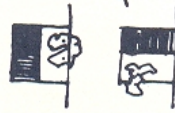
Assim definimos nosso projeto, certos de que a habitação deve sempre ser proposta com seu correspondente equipamento social e com a consciência de que o homem brasileiro na atual circunstância enfrenta com a imensa dificuldade de optar pela *casa em movimento da vida*.



Tipo 1
módulo de esquina

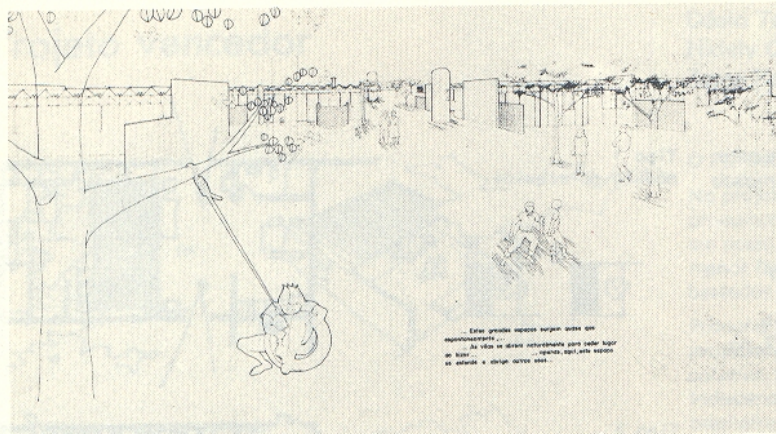


Tipo 2
módulo de meio de quadra.

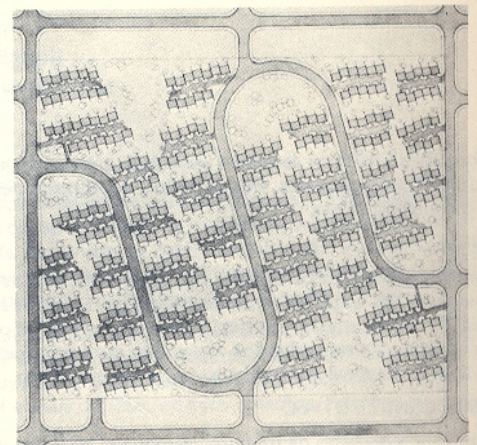


As 8 equipes finalistas

BIBLIOTECA DA ESCOLA DE ARQUITETURA - UFMG

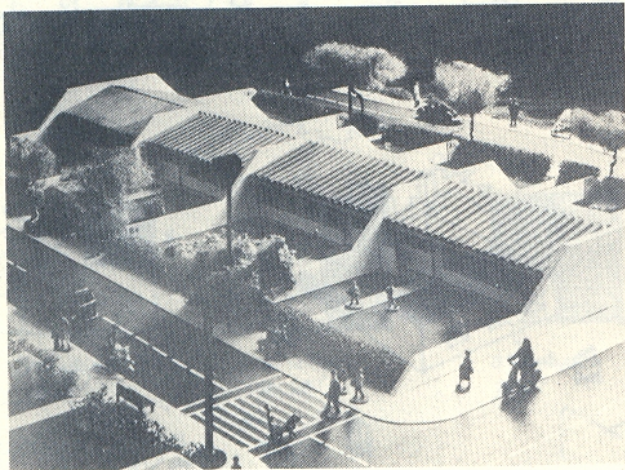


... Estes grandes espaços surgem sobre um
aparelhamento...
... As vistas se abrem naturalmente para todos lados
do bloco... - espaços para uma relação
de intimidade e diálogo dentro dele.

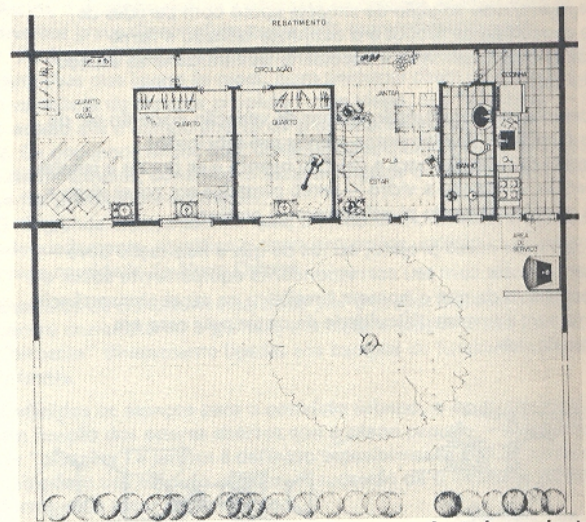


Implantação

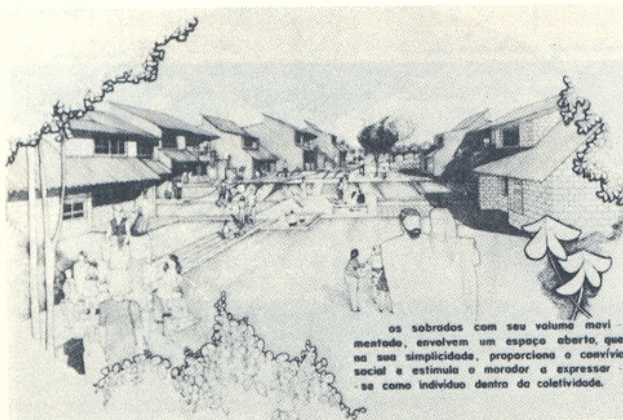
Arquitetos de São Paulo
Walter Piacentini de Andrade
Takashi Saito Takamoto



Arquiteto do Rio de Janeiro
Roberto Ponce Otto

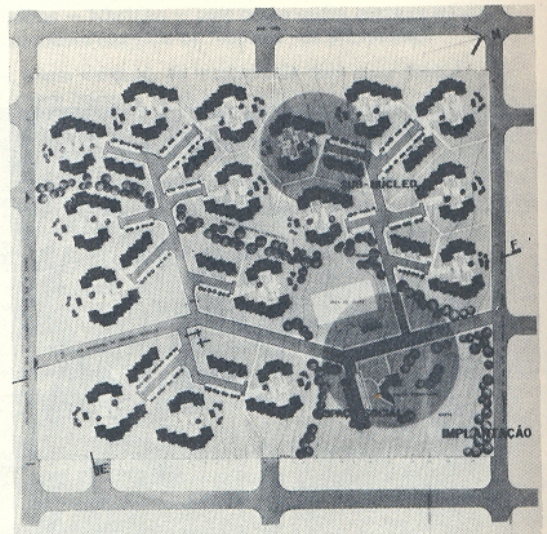


planta humanizada

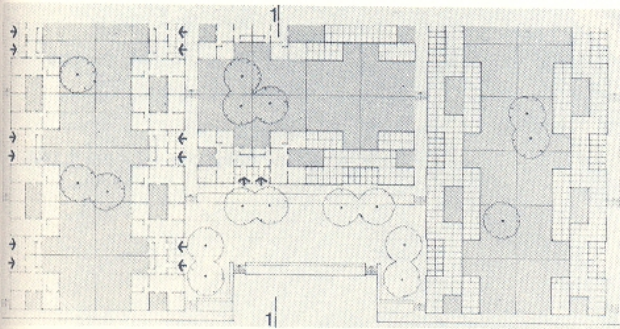
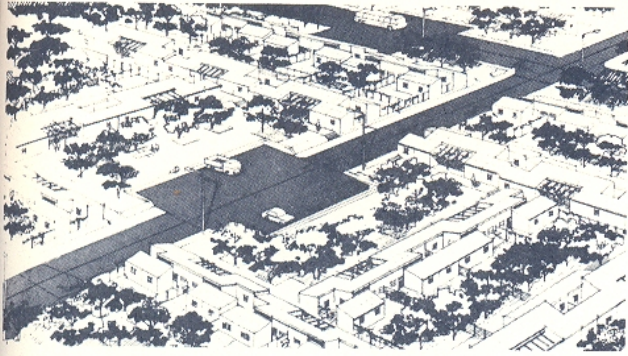


os sobrados com seu volume movi-
mentado, envolvem um espaço aberto, que
na sua simplicidade, proporciona o convívio
social e estimula o morador a expressar-
se como indivíduo dentro da coletividade.

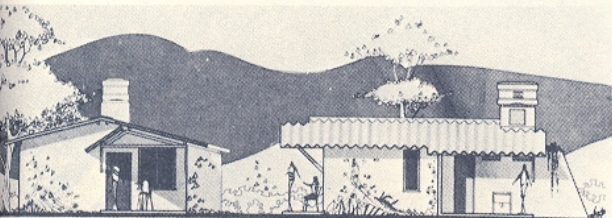
Arquitetos de Porto Alegre
Themis Fagundes
Maria Alice Torres



Implantação

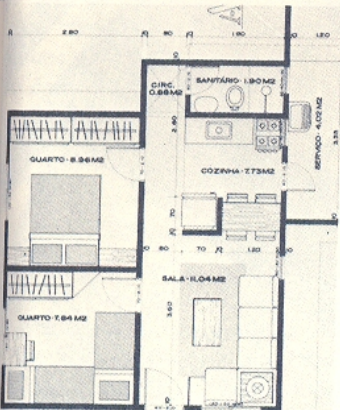


Arquitetos de Salvador
Victoria Braunstein
Daniel Colina

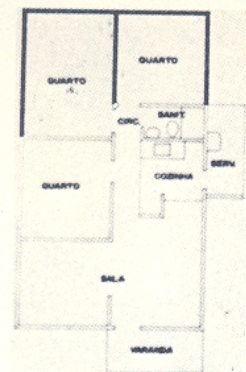


fachada principal

fachada lateral

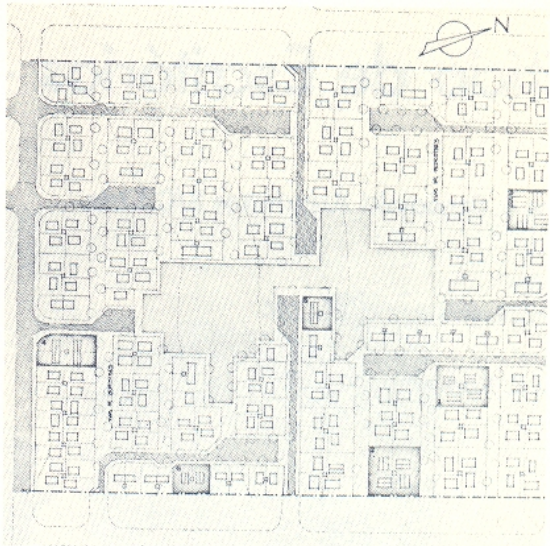


planta baixa



ampliação 1 quarto

Arquitetos de Salvador
Fernando Vieira Jr.
Marcos Solter
Mario Vieira Lima
Paulo Cunha



conjunto residencial

Arquitetos do Rio de Janeiro
Robson Jorge Gonçalves da Silva
Jerônimo de Moraes Neto

Arquitetos de Natal
Icaro Cardoso
José Torquato
René Cordeiro

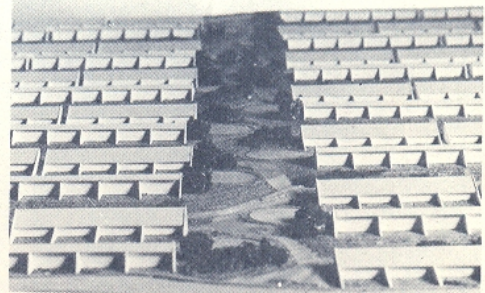
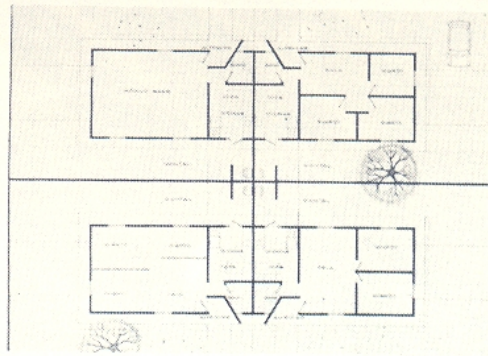


foto da maquete



habitar, viver o espaço.dentro, fora

rua + calçada = calçada
uso restritivo do veículo

a relação integral

Arquitetos de Brasília
Antônio A. de Toledo
Antônio S. de Mattos
José L. Galvão Jr.